



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17692 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GE Cotidianos - éticas, estéticas e políticas

CURRÍCULO, TRABALHO E MORTE NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: UMA ANÁLISE INICIAL DO CURSO TÉCNICO SUBSEQUENTE DO IFBA CAMPUS EUNÁPOLIS

Ualace Lima Nascimento - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia
Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPQ

CURRÍCULO, TRABALHO E MORTE NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: UMA ANÁLISE INICIAL DO CURSO TÉCNICO SUBSEQUENTE DO IFBA CAMPUS EUNÁPOLIS

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa baseia-se na preocupação do pesquisador e orientadoras/es em inserir na formação dos Técnicos em Enfermagem, os estudos sobre morte e morrer. Tal premissa, faz parte de uma autorreflexão de como a temática é ainda um tabu nas instituições de ensino.

No atual projeto que está se desenvolvendo, o foco é dado ao Curso Técnico em Enfermagem, na forma Subsequente, do IFBA campus Eunápolis, uma vez que o contexto em que ela torna-se tão comum quanto a vida, não obstante, os tabus e silenciamentos que ainda pairam nos cenários da formação, relegando o importante fenômeno em apreço a algo que pode ser resolvido apenas por meio da abordagem tecnicista, conferindo-se pouco espaço ao diálogo - que poderia potencializar uma significativa educação voltada para as temáticas da morte e do luto.

A referida pesquisa é de caráter qualitativo, porque se relaciona aos aspectos

culturais, sociais, políticos e éticos, voltados aos estudos da morte e da Educação Profissional. Esse tipo de pesquisa permite a investigação dos fenômenos no estado real, possibilitando o conhecimento dos fatos que contribuem para o processo em estudo. A preocupação não é com a representatividade numérica do grupo pesquisado, e sim, na compreensão aprofundada de um grupo social e de sua trajetória na educação profissional no que tange a temática abordada (GOLDEMBERG, 2004).

Assim, essa construção textual se encaixa também enquanto um estudo exploratório, uma vez que visa considerar “os mais variados aspectos relativos ao fato ou fenômeno”, atrelada à interpretação e ao diálogo intercultural com as diversas subjetividades criadas e fundamentadas pela experiência dos sujeito-objeto e suas crenças voltadas a finitude da vida.

Ao identificar, em análise sumária, a falta da discussão no Projeto Pedagógico do Curso Técnico em Enfermagem (forma de oferta Subsequente) do IFBA campus Eunápolis, percebemos que os impactos de tal elipse, atrelados aos estudos que desenvolvemos ao longo da trajetória acadêmica, poderão contribuir numa nova compreensão do trabalho das/dos professoras/es e futuros Técnicos em Enfermagem e sua formação omnilateral.

A escolha por este objeto para análise, bem como do tema para essa escrita, se deu pelo momento atípico causado pela pandemia do Coronavírus, uma vez que para além das implicações de como seria o ensino, tornou-se evidente uma lacuna de como foi gerida a formação desses profissionais de saúde no campo de estágio, como a ansiedade, os medos e a falta de domínio prático-teórico-prático das/os estudantes sobre os processos envolvendo a morte e o morrer dentro do campo da sociologia, antropologia, educação e saúde e da história.

2 A IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA RITUAL

Desde os primeiros tempos, ao descobrir que a vida humana é finita, as diversas sociedades passaram a temer a morte, excluindo-a das discussões e do cotidiano da sua vida prática. O motivo é que a morte é o único processo e/ou objeto da história que o homem não tem controle, saber que sua vida pode acabar, fez com que diversas continuidades *post-mortem* coexistissem, sendo em sua maioria explicações de uma continuidade da alma, reencarnação e demais arquétipos construídos por meio do medo de morrer.

Os autores Cardoso, Martins e Trindade (2020) discorrerem sobre as características e as atitudes pessoais das/os enfermeiras/os frente à morte,

apontando que na vivência de um/a profissional da saúde a morte é rotineira, porém, cada enfermeiro/a sente, age e interage com ela de forma diferente, com isso, em suas análises definiram que:

Pensar no problema da finitude em meio hospitalar transcende a relação entre o enfermeiro e o doente e incorpora o ambiente social cultural e religioso deste e suas famílias, mas também a gestão das condições das organizações e dos profissionais para que tudo decorra no sentido de evitar sofrimento para todos os envolvidos nos momentos finais da vida, nos quais se tem vindo a verificar que a efetividade da formação acadêmica não se tem mostrado suficiente para os profissionais lidarem com estes momentos (CARDOSO; MARTINS, TRINDADE, 2020, p. 3).

As crenças pessoais de cada indivíduo entram em conflito nesses espaços onde o fato singular diante das diferenças religiosas, culturais e sociais é o fim da vida, a morte e o luto que é partilhado. Como então compreender a importância desse processo para a vida humana, para as sociedades e para o dia a dia das/os profissionais de saúde que atuam e vivenciam esse acontecimento, uma vez que “isso também permeia a forma como enfermeiros percebem e conduzem os cuidados aos pacientes frente à morte” (CARDOSO; MARTINS, TRINDADE, 2020, p. 3). Com tal exposto, cabe a reflexão de como se faz importante não apenas compreender o processo saúde-doença, mas também uma educação voltada à compreensão da morte e do morrer em diferentes contextos do cuidado.

É importante nos indagar o porquê tememos o inevitável, porque independente da vontade humana a morte irá acontecer. Ela é prevista, é o que dá sentido à vida, porém, ao mesmo tempo ela é negada e não discutida dentro dos currículos da formação educacional. Por isso, mesmo sabendo acerca do assunto, as/os professores/as e estudantes dos cursos da área de saúde apresentam deficiência na formação teórica e prática em relação à temática. Isso é afirmado na pesquisa de Santos *et al* (2014, p.201), quando ele aponta que os próprios docentes e estudantes “entendem a grande necessidade da reflexão acerca do assunto, mas não conseguem sistematizar, visualizar um caminho de ação”.

Partindo desse pressuposto, traçamos os caminhos percorridos pela pesquisa de Kovács (2003; 2008; 2015), que debate sobre a necessidade de se pensar uma educação para a morte nos diversos níveis de formação. Nessa pesquisa, focalizamos o estudo na formação das/os professores/as e estudantes dos cursos Técnicos em Enfermagem do Instituto Federal da Bahia.

Acreditamos que os currículos dos cursos de formação profissional e tecnológica voltados à área de saúde, ainda carecem de uma revisão contra-hegemônica curricular, pensando a formação omnilateral dos sujeitos, os movimentos cotidianos dos modos de ‘*sentirfazerpensar*’ de variados grupos diante da morte, e a interculturalidade do território, de forma que “[...] a perspectiva

decolonial permite radicalizar a proposta da educação intercultural crítica” (CANDU, 2023; WALSH, 2012) potencializando saberes e conhecimentos locais, regionais e ancestrais a serem dialogados e debatidos no decorrer do processo de formação.

Também se faz necessário o envolvimento com a prática-teoria-prática da educação afetiva voltada ao cuidado e a atenção com a morte e o luto. Tal temática pode ser elaborada como componente curricular ou de forma continuada, podendo ser ofertada em formas de cursos de extensão, oficinas, seminários formativos, rodas de conversa sobre a temática de forma que estas ações enfatizem a questão sobre como agir e atuar e compreender o processo de morte e morrer (BERNIERI; HIRDES, 2007, p. 95).

3 POR UMA EDUCAÇÃO PARA A MORTE

O documento que está sendo analisado de forma inicial é o PPC do curso Técnico em Enfermagem (Subsequente) do IFBA *campus* Eunápolis. Primeiramente foi pesquisado no documento, a palavra “morte”, e em seguida analisaremos dentro dos pressupostos teóricos do tema morte enquanto proposta educacional (BOEMER; VEIGA; MENDES et al, 1991), e educação para a morte (KOVÁCS, 2005; 2008), com o intuito de identificar como é abordado e inserido a discussão no documento e nas disciplinas do curso.

Ao pesquisar o termo “morte” no referido PPC, foi identificado que ele aparece em três disciplinas, sendo a primeira **Semiologia e Semiotécnica em Enfermagem I**, disciplina ofertada no primeiro módulo, na qual a disciplina é voltada à “Assistência ao paciente no processo de promoção, manutenção e recuperação da saúde. Conhecimento das diversas técnicas do cuidado, desenvolvimento de habilidades e aquisição de destrezas. Iniciação à assistência ao paciente hospitalizado” (IFBA, 2017, p.59). Nesta disciplina a discussão é voltada apenas para como “Preparar o corpo, após a morte”, no qual o objetivo do conhecimento é:

Coleta de material para exame. Terminologia específica da área. Principais exames, principais posições e os cuidados de Enfermagem necessários para a sua realização. Noções de matemática, aplicada ao cálculo, diluição e administração de fármacos e soluções, técnicas de administração de medicamentos pelas diversas vias. Principais exames clínicos, gerais e especializados, materiais e equipamentos utilizados. Normas técnicas sobre funcionamento de aparelhos e equipamentos específicos. Técnicas básicas no cuidado de Enfermagem.

Cuidados de Enfermagem no tratamento de feridas, curativos. Retirada de pontos. **Cuidados de Enfermagem ao paciente com lesão por pressão/medidas de conforto. Técnicas de cuidado do corpo após a morte** (IFBA, 2017, p.60, grifo nosso).

Também foi analisada se na construção da ementa foi utilizada alguma leitura ou referência teórica que contemple a discussão sobre morte, rito de passagem ou luto. O resultado negativo deixa em evidência que a disciplina não apresenta nenhuma discussão voltada à morte ou ao luto. Outra disciplina a qual apresenta o termo, foi **Psicologia Aplicada à Saúde I**, que é ofertada no terceiro módulo do curso, em sua narrativa a disciplina apresenta os conteúdos como uma forma de acompanhamento das necessidades básicas, a ementa objetiva a:

Introdução a Psicologia. Diálogos da Psicologia com a enfermagem. A Psicologia no auxílio aos profissionais de Enfermagem no trabalho. O cuidado e a dor na Enfermagem. Comportamentos saudáveis e redução de riscos. Um olhar sobre a Personalidade. Autocuidado. Importância da Comunicação e tipologias. Cuidados nos processos de comunicação junto ao paciente e a família. Estratégias de comunicação no relacionamento com o paciente e a família. (IFBA, 2017, p. 75).

A disciplina discute a morte enquanto um processo que está ligado ao ciclo vital do ser humano de forma a apresentá-la no texto “Fases do Paciente hospitalizado e Fases de enfrentamento da morte” (IFBA, 2017, p. 75), assim, a narrativa da disciplina busca o ensinar a cuidar do familiar, em suma, do outro em luta ou em processo de perda.

Em continuação a última disciplina que o termo é encontrado foi **Psicologia Aplicada à Saúde II**, na qual, a referida disciplina, busca a “humanização e o profissional de saúde” (IFBA, 2017, p. 87), que é ofertada no terceiro módulo do curso, e sua ementa narra que a disciplina objetiva a humanizar o profissional, porém é notório em sua leitura que o processo humanizado proposto pela ementa é baseado no processo psicossomático, cuidados dos aspectos emocionais do paciente na qual a doença tem-se a evoluir devido ao seu estado a sua saúde emocional (CAPITÃO; CARVALHO, 2006), as quais:

Humanização e o profissional de saúde. Concepção psicossomática do binômio saúde /doença. Aspectos psicológicos na aceitação da doença crônica pelo paciente. Comportamento de risco da criança e do adolescente. Conceitos básicos do desenvolvimento mental em suas várias etapas desde a concepção até a morte. Desenvolvimento mental normal do ser humano no contexto evolutivo e dinâmico. Conhecimentos de psicologia e psicopatologia do desenvolvimento. Terapias alternativas para o tratamento em Saúde Mental. Conceitos fundamentais da Psicologia geral: inteligência, memória,

Mesmo com o avanço apresentado na discussão sobre o cuidado e alguns comportamentos mediante a diversas situações hospitalares até a morte, é notório que a discussão sobre o luto, a perda e a catarse ainda é excluída, principalmente para os estudantes dos cursos Técnicos em Enfermagem, a proposta da ementa ainda é uma formação para o externo, não contemplando o autocuidado e o debate teórico e real do luto e da morte (KOVÁCS, 2008; GENNEP, 2011; RODRIGUES, 1983; MORIN, 1997) para os que atuam diariamente na área da saúde, tendo a morte como uma rotina em seu dia a dia de trabalho.

Por fim, foi analisado também o quadro teórico apresentado nessas três ementas, com o objetivo de identificar a ausência ou não de suporte teórico e ou alguma literatura que contemple a discussão sobre a inserção de uma educação para morte, luto e até mesmo leituras que deem subsídios para o trato científico, filosófico e cultural do que é a morte e seus diversos rituais. No entanto, nenhuma das três ementas propõem uma literatura título que dê arcabouço teórico para uma discussão ao tema da morte, imprimindo um espectro formativo e voltada ao cuidado mútuo dos indivíduos envolvidos no processo de cuidar.

No que diz respeito à análise sobre os processos de ensino e de aprendizagem, destacamos como procedimento teórico a ideia de “Educação para a morte e o luto”. É importante ressaltar que essa educação ressalta a condição integrada do ser humano, uma vez que este é socializado pelo trabalho e naturalizado pela morte. Ser complexo, misto e biopsicossocial.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo não tem como objetivo descaracterizar saberes e formações, mas sim, somar-se no processo de formação do currículo do curso, bem como contribuir para uma formação mais abrangente ligada às questões culturais e sociais dos sujeitos envolvidos no processo. A educação para morte, ainda é excluída dos currículos dos cursos de saúde, pensando o princípio educativo da educação profissional, da formação omnilateral, biopsicossocial e libertadora (SAVIANI, 1994; CANDAU, 2023; FREIRE, 2008).

Destacamos também a importância do debate nos demais níveis de ensino, tanto para os cursos técnicos quanto para os cursos superiores, a necessidade do conhecimento e tomada de consciência sobre a reflexão da morte, uma vez que ela é produto da história e também é o que dá sentido à vida, é pouco discutida na educação profissional, o que torna esse produto educacional ainda mais importante

para trazer o tema em forma de cursos de formação continuada, vislumbrando num futuro próximo uma adequação dentro do currículo, a temática nos curso Técnico em Enfermagem, na forma Subsequente, do IFBA.

REFERÊNCIAS

ÁLVAREZ, Ana Lucía; IRRAZÁBAL, Gabriela. **¿Cómo se gestionan la muerte y el duelo en situaciones de pandemia?** Disponível em: http://anpocs.com/images/stories/boletim/boletim_CS/Boletim_n25.pdf. Acesso em: 12 jun. 2023.

BARBOZA, V. M. Sociedade dos vivos x cidades dos mortos: a visão da morte na sociedade erexinense. **PERSPECTIVA**, Erechim. v. 37, n. 140, p. 125-137, dez. 2013.

BAYARD, Jean-Pierre. **Sentido oculto dos ritos mortuários: morrer é morrer?** . Tradução Benôni Lemos. São Paulo: Paulos, 1996.

BERNIERI, Jamine; HIRDES, Alice. O preparo dos acadêmicos de enfermagem brasileiros para vivenciarem o processo morte-morrer. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 16, p. 89-96, 2007.

BOEMER, Magali Roseira et al. O tema da morte: uma proposta de educação. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 12, n. 1, p. 26, 1991.

BRASIL. **Lei nº 11.741**, de 16 de julho de 2008. Altera dispositivos da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para redimensionar, institucionalizar e integrar as ações da educação profissional técnica de nível médio, da educação de jovens e adultos e da educação profissional e tecnológica. **Diário Oficial da União**: Brasília, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Expansão da Rede Federal**. Disponível em: <http://redefederal.mec.gov.br/expansao-da-rede-federal>. Acesso em: 15 jun. 2023.

CANDAU, Vera Maria. **Educação e culturas realizações, tensões e novas perspectivas**. Rio de Janeiro: Autora, 2023.

COLASANTE, Tatiane; PEREIRA, Amanda. Gestão da vida e da morte no contexto da COVID 19 no Brasil. **Revista M. Estudos Sobre a Morte, Os Mortos e o Morrer**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 198–213, 2021. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/revistam/article/view/10540>. Acesso em: 10 jun. 2023.

DA SILVA, Sérgio Teixeira; SOARES, Alexandre Gomes. Produto educacional como recurso pedagógico para valorização da cultura africana e afro-brasileira. **Práxis Educacional**, v. 16, n. 43, p. 494-514, 2020.

DOS SANTOS, Janaína Luiza; CORRAL-MULATO, Sabrina; BUENO, Sonia Maria Villela. Morte e luto: a importância da educação para o profissional de saúde. **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR**, v. 18, n. 3, 2014.

- DOS SANTOS, Janaina Luiza; BUENO, Sonia Maria Villela. Educação para a morte a docentes e discentes de enfermagem: revisão documental da literatura científica. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 45, p. 272-276, 2011.
- FRANÇA, Maria Dulce; BOTOMÉ, Silvio Paulo. É possível uma educação para morte? **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n. 3, p. 547-548, set./dez. 2005.
- FRIGOTTO, G. *et al.* (org.). **Ensino médio integrado: concepções e contradições**. São Paulo: Cortez, 2005.
- GENNEP, Arnold van. **Os ritos de passagem: Estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, ordenação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc.** Petrópolis: Vozes, 2011.
- INGOLD, Tim. O dédalo e o labirinto. **Horizontes Antropológicos**, v. 21, p. 21-36, 2015.
- KOVÁCS, Maria Júlia (2003). **Educação para a morte: desafio na formação de profissionais de saúde e educação**. São Paulo: Casado Psicólogo: Fapesp.
- MUYLAERT, Camila Junqueira et al. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 48, p. 184-189, 2014.
- MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. Rio de Janeiro; Europa América, 1997.
- RAMOS, Marise. **História e política da educação profissional**. Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2014. Disponível em: <https://curitiba.ifpr.edu.br/wp-content/uploads/2016/05/Hist%C3%B3ria-e-pol%C3%ADtica-da-educa%C3%A7%C3%A3o-profissional.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2023.
- RAMOS, Marise. Concepção do ensino médio integrado. In: SEMINÁRIO SOBRE ENSINO MÉDIO, 2008. Texto disponibilizado pela autora como fundamentação ao Fórum Goiano de Educação de Jovens e Adultos. Disponível em: http://forumeja.org.br/go/sites/forumeja.org.br/go/files/concepcao_do_ensino_medio_in Acesso em: 05 jul. 2023.
- RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da Morte**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.
- SAVIANI, Dermeval et al. O trabalho como princípio educativo frente às novas tecnologias. **Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar**. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 151-168.
- SAVIANI, Demerval. **Escola e Democracia**. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.
- SAVIANI, Demerval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. *Revista Brasileira de Educação*, [s. l.], v. 12 n. 34, jan./abr. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n34/a12v1234.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2019.
- WALSH, Catarina. Interculturalidade e (da) colonialidade: Perspectivas críticas e políticas. **Visão Global**, v. 15, nº. 1-2, p. 61-74, 2012.